

## É melhor ceder do que arder



*Barbara Pereira Dos Santos*  
*Luciana Helena Mussi (monitora)*  
*Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)*

**A** sexualidade na cultura ocidental contemporânea tem prazo definido no inconsciente coletivo. Na infância, mesmo com a teoria de Freud e muitos outros que se seguiram, é totalmente velada. Ela só parece ser aceita com a chegada da adolescência, mas rapidamente volta a ser contida após a chegada dos filhos na estrutura familiar tradicional.

Na velhice é percebida, muitas vezes, como inexistente, principalmente em relação ao sexo feminino. O senso comum anuncia a todos os cantos que a mulher perde seu desejo após a menopausa, que o idoso não consegue mais ter ereção e por isso é impotente sexualmente, limitando drasticamente toda a sexualidade do ser a uma curta passagem de tempo, renunciando assim a um elemento tão essencial do ser humano.

Como é vivenciada a sexualidade por pessoas da terceira idade, de fato? Como a experiência é sentida fazendo parte desta sociedade?

Esta reflexão tem como objetivo verificar como é vista a sexualidade na velhice do ponto de vista da sociedade brasileira, e como é vivida de fato.

O século XVI deu início a um constructo social de casamento romântico que se concretizou até o século XVIII. Havia um mito de sentimento universal, atemporal, natural, incontrolável e espontâneo que servia de base a todo referencial da sexualidade. A satisfação na relação não era tão importante, já que o casamento era eterno. Acreditava-se que no sexo feminino a “mulher” já nascia “pronta”, e só precisava exercer seu “papel inato”.

A partir do século XX, mudanças e contradições no âmbito interpessoal permitiram uma abertura e possibilidade de amor confluyente, ou seja, uma relação simétrica, aberta para a intimidade, vulnerabilidade e confiança que até então era muito limitada. A partir dessa resignificação de intimidade, a vivência da sexualidade se desliga da reprodução, tornando-se mais ativa, podendo estar ligada a uma multiplicidade de experiências e parceiros(as), a busca do orgasmo feminino e a possibilidade de se permitir fazer sexo sem haver necessariamente um compromisso ou um sentimento amoroso envolvido.

Segundo a antropóloga estadunidense Gayle Rubin, em seu ensaio “*O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo*”<sup>1</sup>, gênero é o conceito de disposições pelas quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e como se satisfazem essas necessidades humanas transformadas. Assim, é o sexo atualizado socialmente, referindo-se às relações sociais dentro das quais os indivíduos e grupos atuam. O corpo é representado e moldado de acordo com as práticas de gênero, cultura, época, meio onde se vive. É central na existência dos afetos.

A rejeição ao padrão vitoriano favoreceu o exercício da autonomia e busca de sentido da sexualidade. Mas, sempre como algo velado, mantendo-se uma postura muito conservadora ao abordar o tema. Se o tema sexualidade já é tabu em qualquer época, ainda que tenha havido grandes mudanças e resignificações principalmente para as mais novas gerações, como é recebido na terceira idade?

Berger (2012) interessou-se pelo tema em seu artigo “Amor sem sexo é amizade. Sexo sem amor é vontade”, publicado na revista *Kairós* em dezembro de 2012. Ele entrevistou 36 mulheres, todas com 60 anos ou mais e concluiu que 53% destas mantinham uma vida sexual ativa. Como a maioria das pesquisas voltadas ao público idoso foca o aspecto assistencialista, a questão da mortalidade e as perdas, e abordar este tema gera, normalmente, muita resistência, seja ela declarada ou velada.

Até mesmo a escritora Clarice Lispector parece ter se sentido encabulada em alguns momentos ao abordar a sexualidade, inclusive na velhice, em seu livro *A via crucis do corpo* (1974).

“Hoje é dia 12 de maio, Dia das Mães. Não fazia sentido escrever nesse dia histórias que eu não queria que meus filhos lessem porque eu teria vergonha”. Em outro momento, diz ter pedido permissão aos seus filhos para que pudesse escrever sobre este assunto, e no meio do belíssimo conto “Mas vai chover”, no qual uma senhora de sessenta anos se apaixona e mantém relações sexuais

---

<sup>1</sup> RUBIN, Gayle. “El tráfico de mujeres: notas sobre la 'economía política' del sexo”. *Nueva Antropología*, México, v. VIII, n. 30, p. 95-145, 1986.

com um jovem de dezenove, escreve num tom de confissão: “(...) oh, meu Deus, tenha piedade de mim, me perdoe por escrever isto!”. (LISPECTOR, 1974, p. 98)

Essa frase revela o quanto a sociedade está despreparada para lidar com o sexo, que sempre permeou a vida e as relações humanas. Negar a sexualidade na terceira idade é negar a fonte da vida, voltando-se à moral cristã - como apontada por Nietzsche em sua obra “Assim falava Zaratrusta” (1883 - 1885) em sua teoria sobre a morte de Deus - que repudia e cria outra vida para desvalorizar o que vivemos, tratando a sexualidade como imoral, condenando assim sua existência.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) define sexualidade como sendo uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Berger (2012) realça o quanto a sexualidade é um mecanismo importante de ordenação do mundo e da constituição de sujeitos, no qual o sentido da identidade passa pela construção social e subjetiva de um papel determinado, uma aparência e um corpo, imersos no exercício da sexualidade, ou em sua renúncia, passando por ressignificações ao longo de uma vida.

Enquanto algumas senhoras abordam o tema com muita clareza e facilidade, sentindo-se livres e muitas vezes mais realizadas do que quando eram jovens, outras falam de algo que ficou no passado, já que “não têm idade para pensar mais nisso”, revelando o estereótipo dominante de que a velhice apaga a condição de mulher, transformando-as em um ser neutro, e associando-as ao cuidado do lar, família e por vezes religião.

O curta-metragem “Ruído de Passos”, baseado no conto homônimo de Clarice Lispector, conta a história de Cândida Raposo, uma senhora de 81 anos, que vivencia um conflito interno ao deparar-se com seus desejos carnis.

Em diversos momentos da história, dona Cândida é surpreendida por esta inquietação a partir de estímulos externos:

Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa. (LISPECTOR, 1974, p. 69)

A vertigem, sensação de falta de equilíbrio que faz parecer ao indivíduo girarem todos os objetos à sua volta, é uma somatização da falta de integração do conteúdo sexual, que busca emergir a consciência, mas parece ser

repreendido pelo superego. A rosa, famoso símbolo do órgão sexual feminino, reativa os instintos que deseja esquecer. Em meio a esta inquietação, decide ir ao ginecologista e pergunta-lhe envergonhada, de cabeça baixa “quando é que passa? (...) a coisa”. Sequer consegue nomear algo que se passa em seu corpo, consumindo sua mente.

Ao passo que o doutor lhe diz que “a coisa” nunca passa, dona Cândida revolta-se, dizendo que isto é um inferno. “A vida era isso, então? Essa falta de vergonha?”. Ao final da conversa com o médico, sabendo que ninguém lhe desejaria tocar, termina por “arranjar-se sozinha”, masturbando-se. “Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste”.

Essa vergonha, tristeza, vertigem de viver que a fazem sentir-se tão mal não passam de bloqueios causados por uma educação, época e cultura repressora.

A partir deste conto, pode-se notar o quanto o desejo está presente em Cândida, mas é mal vivido, e busca ser extinto.

No documentário brasileiro “69-Praça da Luz” de [Carolina Markowicz](#) e [Joana Galvão](#), realizado em 2007, cinco mulheres contam com franqueza e detalhes como é ser prostituta na terceira idade. Todas elas iniciaram o trabalho quando mais jovens, por necessidade de ganhar dinheiro, mas a maioria assume que continua neste ramo porque gosta. Dessa forma, o prazer não é negado; pelo contrário, é vivido de forma mais livre e consciente com a maturidade.

Por um lado, temos mulheres que querem livrar-se de seus desejos e parte de sua pulsão de vida, e por outro, percebemos mulheres que estão à frente de muitos tabus ainda presentes na mentalidade das novas gerações.

Em suma, existem dois polos muito distintos sobre a sexualidade na velhice. Por um lado, é vista como anormal, imoral, e até mesmo perversa, pela sociedade que busca enquadrar o velho como assexuado, e por outro, é incentivada por geriatras, gerontólogos, psicólogos e intelectuais que trabalham buscando ressignificar a sexualidade. Investigando os benefícios de uma vida sexual ativa dos idosos, é demonstrado que é essencial para o bem-estar e saúde dos mesmos.

Na busca de modificar a sexualidade reprimida, temos uma questão: do direito a dar vasão às pulsões, passa-se por vezes à necessidade e talvez obrigatoriedade do idoso ser ativo, repleto de projetos e vontades que podem ser vistos como uma transferência das gerações mais novas.

Assim, a beleza da sexualidade passa pela aceitação de seus desejos, sem a imposição de ser ou não ser sexualmente ativo, mas de poder escolher que lugar a sexualidade tem na vida de cada um, e que valor é atribuído a ela, libertando o homem e visando a uma maior aproximação da emancipação e autoconhecimento.

## Referências

BERGER, M. Amor sem sexo é amizade. Sexo sem amor é vontade: vida sexual na terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(8), pp.127-154. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, dez. 2012.

LISPECTOR, C. Ruído de Passos. In: *A via crucis do corpo*. São Paulo: Artenova, 1974

CURTA METRAGEM. Ruído de Passos. Disponível em <http://vimeo.com/11165592>. Acesso em 29/05/2014.

CURTA METRAGEM. 69 - Praça da Luz. Disponível em [http://portacurtas.org.br/filme/?name=69\\_praca\\_da\\_luz](http://portacurtas.org.br/filme/?name=69_praca_da_luz). Acesso em 29/05/2014.

*Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.*

---

**Barbara Pereira Dos Santos** - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: [ba150@hotmail.com](mailto:ba150@hotmail.com)

**Luciana Helena Mussi** – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: [lucianahelena@terra.com.br](mailto:lucianahelena@terra.com.br)

**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** - Supervisora de Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduados em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: [ruthgclopes@pucsp.br](mailto:ruthgclopes@pucsp.br)